

03

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÓRTO

(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

Director — *Prof. Dr. Mendes Corrêa*

NOTA DE COREOGRAFIA POPULAR TRASMONTANA

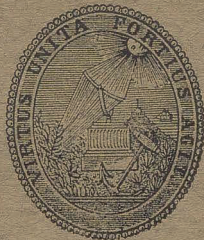
A DANÇA DOS PRÊTOS

(MONCORVO)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto,
conservador do Museu Antropológico



PÓRTO

Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 108

1935

1(469)

NOTA DE COREOGRAFIA POPULAR TRASMONTANA

A DANÇA DOS PRÊTOS (MONCORVO)

«Todas las cousicas boas ban acabadas; dantes, no meu tempo, havia tres dias seguidos de dança para festejar o Nascimento do Menino e agora apenas un bucadico!!!» (1)

Assim falava ao ilustre Reitor de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, uma respeitável velhinha trasmontana, ao relebrar as festas da sua mocidade.

É que, na verdade, em muitas regiões de Trás-os-Montes, curiosas danças, as mais das vezes de carácter litúrgico e cultural, mas essas mesmas quasi sempre de origem remota e francamente pagã, enchem tôda a quadra de festas que vai do Natal aos Reis.

Quasi tudo, porém, vai perdido no rodar dos tempos.

Já pouco nos resta da extraordinária riqueza coreográfica trasmontana. E êsse pouco desaparecerá de todo a breve trecho.

Veja-se o que sucede com a rítmica, animada e vibrante *dança dos paulitos*, tão empolgante por vezes na violência e na rapidez

(1) P.^o Francisco Manuel Alves, *A Festa dos rapazes* (usanças tradicionais). — Notas etnográficas. — Vestígios de um ciclo coreográfico prestes a extinguir-se), in «Ilustração Trasmontana», 3.^o ano, Porto, 1910, pág. 180.

da execução cadenciada de certos *laços*, e sempre interessante no entrechocar dos paulitos a compasso (1).

Esta dança, de feição marcial, que outrora era executada e mesmo dominante, em quasi tôda, senão em tôda a região de Trás-os-Montes, viu a sua vasta área de dispersão reduzir-se nos tempos de hoje às terras de Miranda, lá longe, no leste trasmontano.

Urge, portanto, que se faça o registo etnográfico cuidado dos restos do extraordinário ciclo coreográfico trasmontano doutros tempos.

Foi dentro dêste critério que, em 1930, consegui fôsse organizada em Moncorvo a *dança dos prêtos*, que já há uns anos ali se não realizava. Assim pude assistir à sua execução, tomar as notas precisas e tirar algumas fotografias. Fiz ainda um curto mas demonstrativo registo cinematográfico.

*

* *

A dança dos prêtos é assim chamada, por os que nela tomam parte trazerem a cara pintada de negro.

Era organizada pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Moncorvo, no dia 6 de Janeiro de cada ano, isto é, na véspera do Dia de Reis.

Tem carácter acentuadamente litúrgico, e é possível que seja de origem remota. Nada pude averiguar neste sentido.

(1) Sôbre a dança dos paulitos vd.: J. M. Martins Pereira, *As terras de Entre Sabor e Douro*, 1908, pág. 296-305; Ferreira Deusdado, *Escôrços Trasmontanos*, Angra do Heroísmo, 1912, pág. 152-153; P.^o Francisco Manuel Alves, *A Festa dos rapazes*, cit., gravura reproduzindo o grupo dos que dançam com a sua indumentária e respectivos paulitos; P.^o Francisco Manuel Alves, *Trás-os-Montes*, publicação da Exposição de Sevilha, 1929; Raul Teixeira, *A Terra Mirandesa*, artigo no jornal «O Primeiro de Janeiro» de 20 de Março de 1934.

Sei apenas que há cêrca de 50 anos, quando o velho abade e arcipreste Rev. Francisco António Tavares veio paroquiar a vila de Moncorvo, já ali encontrou o velho uso de tal dança, realizada em moldes que se conservavam, por assim dizer, invariáveis. Havia apenas de diferente e a mais, o costume de, na volta



Fig. 1—Grupo dos prêtos acompanhados por dois mesários da confraria

pela vila, os dançarinos serem acompanhados pela bandeira da Irmandade.

Nessa época não passava ano algum sem que, na véspera do Dia de Reis, se não fizesse a dança dos prêtos.

Todos os anos eram convidados para ingressar na irmandade de Nossa Senhora do Rosário dois ou três indivíduos. A estes novos irmãos competia dar o almôço e o jantar aos prêtos no dia da dança. Naquelas refeições tomavam parte alguns convidados, geralmente os grandes da terra.

Logo depois da missa dalva, ainda o dia vinha longe, já os prêtos percorriam as ruas da vila com a sua tão curiosa dança.

A animação ia num crescendo de entusiasmo pelo dia adiante.

A primeira execução era feita no adro, a seguir à missa dalva. No adro voltavam a dançar depois da missa do dia (1).

Das aldeias vinha gente à vila para assistir à dança.

O magote do rapazio engrossado pelos adultos ia seguindo o rancho dos prêtos que aqui e ali dava a sua representação coreográfica e colhia o óbulo que a cada um aprazia dar por devoção.

Muitos dos membros da irmandade organizadora, envergando opa e cada um com sua vara, acompanhavam os prêtos na volta pela vila.

O produto das esmolas era consignado a despesas a fazer com a conservação e alindamento do altar da santa padroeira da irmandade e também ao pagamento dum certo número de missas (2).

(1) O costume da exibição coreográfica se fazer no adro encontra-se noutras danças e noutras regiões da península, como p. ex. em Sória com a dança de San Leonardo que tem algo de comparável com a dança dos paulitos. Vd. Pilar Andrés Rebolla, *Las danças de San Leonardo (Sória)*, in «Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, Facultad de História, Valladolid, 1934, fac. VI, pág. 419 e segs. onde se lê: «La costumbre de exhibir la danza en dias señalados aún perdura pues todos los años, el día de San Blas, que es la fiesta del pueblo, los danzantes, después de la misa, bailan al pie del presbiterio acompañados de las gaitas y de la letra que cantan ocho mozas del pueblo vestidas con el traje típico del país».

«Observando la forma de las danzas es fácil ver en ellas simulacros de movimientos guerreros que sin duda se celebravam para comemorar el triunfo de alguna batalla. ¿Que significar si no el palo y el escudete? ¿No recuerdan la espada y el escude primitivo?»

(2) Missa cantada na manhã do dia 6 de Janeiro, o dia da dança. Missa cantada do 1.º de Janeiro. Parece que a missa do galo era também cantada à custa da esmola dos prêtos. Mais 12 missas no ano, rezadas no 1.º domingo de

Vejamos agora o que em 1930 consegui averiguar sôbre a dança dos prêtos.

São 9 os que dançam, e mais o prêto da caixa, que dá as entradas, e o músico do bombardino, que toca a parte cantante.

Dos 9 dançantes, um, com indumentária e atributos especiais, é denominado o *prêto do meio*; os 8 restantes são os *prêtos da borda* e formam em duas filas voltados uns para os outros.

O prêto do meio é sempre um rapaz dos seus 13 ou 14 anos. É preferível que tenha baixa estatura. Não me souberam explicar a razão desta preferência.

Os prêtos da borda são já homens feitos.

Assente a realização da dança, combinados os figurantes e obtidos os versos a dizer e a cantar, iniciam-se os ensaios, dirigidos as mais das vezes por individuo estranho à dança. Poucos ensaios bastam. Depois do Natal é que nisso se pensa e algumas ocasiões houve em que os ensaios começaram já depois do ano novo.

Entretanto cada um vai cuidando da sua indumentária.

Os prêtos da borda envergam calças brancas e casaco prêto cingido por larga faixa de sêda. Do ombro pende abundante

cada mês. A importância colhida com a dança dos prêtos era por vezes razoável. Em 1920 fez-se a dança e as esmolas foram além de 500\$00 esc. Nesse mesmo ano foram os prêtos convidados a realizar a dança na aldeia de Felgueiras, que fica a poucos quilómetros da vila, por trás do Roboredo, e ali a colheita foi de 300\$00 esc.

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário tinha outras fontes de receita. Assim em cada baptizado de filho legítimo que se realizasse na igreja de Moncorvo, a cera era fornecida pelo altar de Nossa Senhora do Rosário que em paga recebia quatro vintens.

mòlhada de fitas de sêda de côres diferentes. O chapéu, prêto, tem a aba levantada na dianteira e enfeitada com um cordão de ouro, continhas douradas e uma medalha ou broche que segura uma flor de papel (fig. 2).

À roda do pesçoço um lenço de sêda. Levam calçadas botas prêtas e nas mãos luvas brancas.



Fig. 2 — Três prêtos da borda, o prêto do meio e o prêto da caixa

Por dentro das calças levam muitos guizos, com os quais fazem ruidosa guizalhada ao tempo que marcham a compasso da dança (1).

(1) Na Provença também a dança das mouriscas tem guizalhada. Vd. Frederico Mistral, *Calenda*, (Tradução de João Aires de Azevedo), Porto, 1927, onde a pág. 121 se lê:

«... —, as mouriscas, em que, como sabeis, um rapaz oferece uma laranja a duas môças, enquanto, vindo, vai, volta, salta e agita os guizos dos seus largos calções;»

O prêto da caixa, também de calças brancas e blusa vermelha, tem na cabeça uma gôrra que se prolonga em penacho caído sobre o lado. Não trás faixa, nem molho de fitas de sêda presas no ombro. À roda do pescoço um lenço.

O prêto do meio tem uma indumentária especial. Calça botas prêtas e luvas brancas como os restantes, mas só êle tem meias brancas até ao Joelho. Veste uma blusa vermelha com uma faixa de sêda cingida a tiracolo, e um saial de renda branca que lhes desce até aos joelhos, onde termina por larga franja. Na cabeça um barrete de papelão, cilíndrico, recortado no alto em seis bicos, com o seu quê de corôa ou mitra.

Esta mitra é também enfeitada com um cordão de ouro e continhas douradas.

O músico do bombardino não tem indumentária especial. Executa a música que vai a seguir:

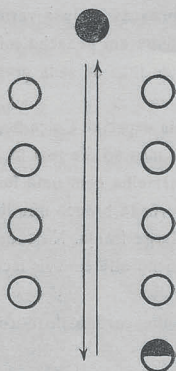
Se-guir de Deus a dou-tri-na é de-ver do bom oris-

Tão Pa-ra-po-der-mos um di-a Al-can-çar a sal-va-

ção Se-guir de Deus a dou-tri-na é de-ver do bom oris-

tão Pa-ra-po-der-mos um di-a Al-can-çar a sal-va-ção.

Ao presado consócio e ilustre musicógrafo Armando Leça, estudioso apaixonado do folklore musical português, eu devo a amabilidade de me ter escrito a música acima, sobre elementos



- Preto do meio
- Pretos da borda
- ◐ Preto da caixa

Fig. 3

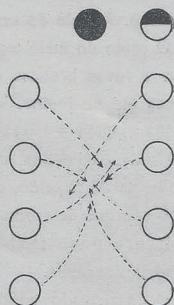


Fig. 4

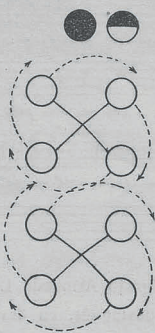


Fig. 5

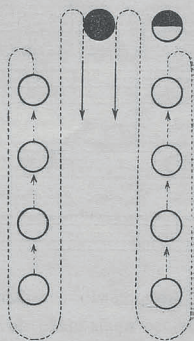


Fig. 6

fornecidos pelo Sr. Afonso Marcolino Ferreira, organizador e regente da banda de Moncorvo.

Aos dois os meus agradecimentos.

Segundo a autorizada opinião de Armando Leça, a música da dança dos prêtos «é uma melodia de entoação e analogia rítmica (longa e breve ou o chamado ritmo trocaico) com uma



Fig. 7—Uma fase da dança

outra que na Beira-Baixa setentrional se canta com o rimance da D. Silvana e até do próprio Lavrador da Arada, também ouvido na mesma região».

Chega o dia 6 de Janeiro.

Cada um dos figurantes, envergando a indumentária descrita, dirige-se antes do amanhecer para a casa donde sairá o cortejo, depois de lhe ser pintada a cara de negro. Essa pintura é feita com pós prêtos dissolvidos em aguardente.

Dirigem-se as personagens à igreja onde ouvem a missa dalva.

É já sabido e tôda a gente o diz: — A missa dalva daquele dia é dos prêtos.

A missa é resada no altar de Nossa Senhora do Rosário. É forçoso que a ela assistam os prêtos.

Dantes ouviam a missa postados aos lados do altar. Depois passaram a ouvi-la no átrio de entrada da igreja.

Hoje ouvem-na do côro para que a sua presença não vá perturbar o recolhimento dos que assistem.

Acabada a missa, faz-se a primeira exibição no adro. A ela assiste o pároco, que desempenha, por assim dizer, o papel de censor. Terminada a dança, colhida a esmola entre aqueles que a ela assistiram, e obtido o consentimento eclesiástico para que ela prossiga, abalam os dançarinos em via sacra à roda da vila.

Nas ruas, aqui e acolá, vão repetindo a dança e colhendo a esmola que cada um lhes dá.

Nas casas ricas entram, e a exibição é feita numa sala ou num terraço.

A dança, como a vi em 1930, é de singela execução. Os prêtos da borda, do meio e da caixa postam-se como indica a fig. 3.

O prêto da caixa pode contudo ocupar um lugar junto do prêto do meio como indicam as figs. 4, 5 e 6.

O músico do bombardino não tem posição demarcada. Está às vezes junto do prêto da caixa, outras vezes arredado, ora a uma ponta ora a outra. Êste comparsa da dança dos prêtos não tem a cara pintada de negro como todos os outros. Por isso dá a impressão de que não faz parte do conjunto, parece um intruso que está ali a mais.

Está tudo a postos e todos atentos.

Ao sinal de comêço dado pelo prêto da caixa, dizem todos: *Eche!* (Êtche), e sacodem os guizos que levam presos por dentro das calças.

Depois do que, o prêto do meio, mãos espalmadas e postas em cutelo, antebraços um tanto flectidos sôbre os braços, e estes encostados ao tronco, caminha em marcha cadenciada de boneco



Fig. 8—Outro aspecto da dança

articulado. Ao mesmo tempo oscila no mesmo ritmo com os antebraços, de tal modo que, quando a mão direita, acompanhando uma passada, desce, a mão esquerda sobe e vice-versa.

Vai por entre as duas filas dos prêtos da borda até ao extremo destas para depois, às arrecuas e com o mesmo passo e o mesmo jôgo de mãos, oscilando ora acima ora abaixo, voltar à posição primitiva (fig. 3).

Durante êste percurso de ida e vinda recita as duas quadras seguintes :

Salvé Belém! tu que viste
Nascer o Todo Poderoso.
Salvé presépio de Cristo.
Salvé dia glorioso.

Cs heréticos duvidam
Dos mistérios de Jesus
Que nasceu, morreu por nós
Martirizado numa cruz.

O prêto da caixa, com uma pancada sêca, chama a atenção de cada um, e ao mesmo tempo dá a entrada à parte cantante que denominam *estrobilho* (sic). Todos entoam em côro a quadra que transcrevo :

Seguir de Deus a doutrina
Ê dever do bom cristão.
Para podermos um dia
Alcançar a salvação.

Acabado o estrobilho, tudo se cala e, então, cada um dos prêtos da borda vai dizer seus versos.

Num repelão brusco, salta para o meio da fila e, de braços ao alto e em gestos largos, recita os versos que lhe compete dizer, findo o que volta num salto a ocupar o seu lugar.

Cada um dos prêtos da borda vai dizendo sua quadra pela ordem que vai indicada na fig 4. Transcrevo essas quadras a seguir :

1.º

Boas novas moncorrenses
Der a vós os preta (sic) vem;
Que nasceu o redentor
Num presépio em Belem.

2.º

Belem terra de Judá
Onde o Redentor nasceu.
Sua Mãi imaculada
Que tormentos padeceu.

3.º

Eu não posso compreender
Que Jesus, tão santo e nobre,
Tivesse o seu nascimento
Num lugar humilde e pobre!

4.º

Que mistério incompreensível
Que não alcança ninguém.
Como poderia ser
Ficar Virgem sendo Mãi!

5.º

Bendita sejas Senhora
Cheia de Graça e Candura;
Dos pecadores salvadora,
Urna cheia de ternura.

6.º

Só eu não ser tão feliz.
Já no mundo vi;
Era tanta o multidão
Que entre ela me confundi.

7.º

Eu lá vi êsse Deus
Nos braços da Mãi saltando.
Todo o povo em redor
Hinos de glòria entoando.

8.º

Eu quisera nesta hora voar a Belem;
A ver o presépio do meu Redentor,
Cantado, inspirado na *liria* (*sic*) dos anjos festivos
Hossanas, palácios de amor.

Cabe de novo a vez ao prêto do meio que, na mesma atitude com os mesmos gestos e no mesmo andar compassado das duas quadras com que iniciou a dança, recita mais estas:

Que fale o monte de Gólgota.
Que fale Jerusalem.
Que fale o túmulo de Lázaro.
Que fale a própria Belem.

Mas nós que cheios de fé
Oremos com todo o ardor.
Soltemos hinos e cantos,
Mas cantos de infindo amor.

Os prêtos da borda formam depois em dois grupos de 4, dando as mãos direitas ao alto e, ao mesmo tempo que cantam o segundo *estrobilho*, vão rodando lentamente sôbre a esquerda (figs. 5 e 6).

A quadra é repetida, e, desta vez, entrelaçam as mãos esquerdas e rodam sôbre a direita.

Foi esta a quadra do segundo *estrobilho*:

Seguir pois os seus preceitos
Abraçar a santa história.
P'ra um dia sermos ditosos
Lá no reino da Glória.

Agora é o prêto do meio que, caminhando entre os prêtos da borda no mesmo andar compassado e lento e com os dedos indicadores ao alto em vez da mão em cutelo, canta:

Vós que sois Rainha Santa
Sempre Virgem Imaculada
Permiti aos pecadores
Possam dar no céu entrada.

Por fim, cantam todos o último *estrobilho*:

Permiti Virgem Sagrada
Que nós possamos entrar
Nessa morada celeste
Onde o Justo tem lugar.

Os prêtos da borda cantando, deslocam-se em fila como indica a fig. 6, e vão buscar pelo braço o prêto do meio que vem entre os dois prêtos dianteiros até junto do prêto da caixa (fig. 8).

Acabou a dança. Um dos irmãos da confraria vai colhêr entre os assistentes a esmola que geralmente todos dão de bom grado.

*
* *
*

As mais das vezes os versos variavam de ano para ano. Dou a seguir algumas quadras que faziam parte da dança de há uns anos atrás:

Por ser da borda o primeiro
Venho cheio de alegria,
A saúdar do fundo dalma
A aurora do grande dia.

Mil cultos à Virgem Mãi
Todos nós devemos dar.
Irmos todos reverentes
Ao presépio ajoelhar.

Ó Cruz! . . . Palavra bendita,
Eu te adoro com fervor;
Tu és o símbolo sagrado,
Sinal de paz e de amor.

Para nós a religião
É amor, é esperança.
Para um dia sermos ditosos
Lá na bem-aventurança.

Uma dúvida apresento
E o meu espírito também.
Eu não sej como Maria
Ficou Virgem sendo Mãil

A aurora do grande dia
Venho festejar também.
Rendendo graças a Deus
Mil cultos à Virgem Mãi.

Ao altar da Santa Virgem
Cheio de graça e de luz,
Corre o povo pressuroso
A ajoelhar aos pés da cruz.

Se a Cruz representa a paz,
Também é sacro pendão
Dos que querem e professam
De Cristo a Religião.

E para nos ser concedida
Essa graça, êsse louvor,
É mister seguir à risca
O decálogo do Senhor.

Se quiserem alcançar
A glória lá nos céus,
Dai-nos a vossa esmola
Em louvor da Mãi de Deus.

300 -

*

* *

Porque caiu em desuso a dança dos prêtos? Não consegui averiguá-lo; mas seguramente múltiplas devem ter sido as circunstâncias que para isso concorreram.

Para outras danças de cunho mais ou menos pagão, a acção das autoridades eclesiásticas foi notória no seu desaparecimento.

As pastorais dos bispos de Bragança, que tão severamente anatematizaram velhos costumes e singelas danças onde viram ressaibos de paganismo, foram largamente destruidoras.

Este facto já foi pôsto em destaque pelo Rev. P.^o Francisco Manuel Alves, ilustre Reitor de Baçal, com a sua autoridade de erudito profundo (1).

1188-

Por outro lado, o contacto cada vez mais fácil e mais rápido entre a cidade e as terras da província, mesmo as mais distantes, acabará em breve por destruir o pouco que nos resta dêsse passado curioso, tão rico de tradições etnográficas.

A estrada, o caminho de ferro e o automóvel entoarão em cântico um lúgubre *requiem* a tantas e tão lindas danças que os nossos olhos não mais verão dançar, a tantas e tão lindas canções que os nossos ouvidos não mais ouvirão cantar.

Maio de 1934.

(1) P.^o Francisco Manuel Alves, *A festa dos rapazes*, cit., pág. 180.

6887/103641

1188-

DOS SANTOS, JUNIOR, J.R.

Nota de geografía popular trasmontana

16 pp. + 4 grabados.

160.-

Puerto - 1935.

R.

ULPGC. Biblioteca Universitaria



888465

BIG 793.31 (469) SAN dan

Extracto do fasc. I do vol. VII
dos
«Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia»